



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## A NARRATIVA LITERÁRIA DA "SAGA DO CACAU" E A CRIAÇÃO DE UM MUNDO SOCIAL ESTRUTURALMENTE ANÁLOGO AO MUNDO REAL

Anatércia Ramos Lopes  
UESC  
tercialopes@uol.com.br

**Resumo:** A totalidade da vida social, especialmente em suas contradições, constitui o eixo temático que se evidencia na literatura romanesca do Sul da Bahia destinada à representação da sociedade que se forma a partir da saga do cacau. A narrativa denota perspectivas que objetivam recriar num universo ficcional uma realidade social análoga à do mundo real. Nessa análise, buscar-se-á discutir, a partir de uma perspectiva sociológica, os aspectos estruturais da sociedade imaginada evidenciada nos romances de Jorge Amado e Euclides Neto. Para isso, toma-se como fio condutor da análise a suposição de que a narrativa literária do Sul da Bahia, ao reproduzir no seu universo ficcional uma realidade social análoga à das formações sociais capitalistas, apresenta-se como um objeto de pesquisa em si mesmo que reconstitui por meio de mecanismos próprios da criação artística o mundo social. A literatura romanesca amadiana e euclidiana são expressões artísticas disseminadoras da representação da formação sócio-histórica Sul baiana.

### Introdução

A “saga do cacau” na região Sul da Bahia é um tema recorrente na produção intelectual regional; é um traço distintivo na produção de literatos que frequentemente recriam a realidade através da ficção, da poesia, da crônica etc. Esse termo foi fartamente utilizado pela literatura regional para construir uma imagem épica da região sul da Bahia, particularmente do espaço geográfico da produção do cacau. A literatura produziu e reproduziu uma imagem da região baiana do cacau que está disseminada para além do nível local e traz em seu conteúdo registros sociais abrangentes das diversas facetas dessa sociedade, a exemplo da expansão demográfica, do processo de urbanização, do apogeu e decadência do coronelismo, dos conflitos e hostilidades por disputas de terras, das contraditórias relações sociais nas fazendas agrícolas e da precariedade das condições de vida da população.

A narrativa literária do sul da Bahia, ao representar os elementos que tece a trama da vida societária regional, motivou esse estudo focalizado nos romances de Jorge Amado e Euclides Neto. A partir da construção de uma saga, representou-se a sociedade local incorporando componentes identitários que revelam uma formação social peculiar,

ao aparecer no imaginário romanesco com as denominações “civilização do cacau” e “nação grapiúna”, denominações essas que se disseminaram na mentalidade regional isto devido à configuração societária regional ser considerada por muitos como portadora de elementos que lhe conferia um nível de complexidade cultural que justificaria atribuir-lhe tais denominações. (ADONIAS FILHO, 1978, p.14).

Assim, partindo do nexo entre literatura e sociedade, essa pesquisa foi concebida para analisar as representações de sociedade na literatura romanesca da saga do cacau no sul da Bahia, dado que a narrativa literária regional apresenta um registro abrangente da complexa formação sócio-histórica que assume contornos específicos a partir da implantação e desenvolvimento da cacaucultura nessa região baiana. O interesse maior foi o de analisar como a produção literária apropria-se da realidade social, como a representa, tomando-se o caso específico da região sul da Bahia. Se esta se dissemina numa narrativa pautada na crítica social, cuidando de denunciar o caráter arbitrário e irracional da saga do cacau, materializado na exploração do trabalho, nas agressões físicas e no descaso com a vida ou se constrói uma visão idílica da ocupação das *terras do sem fim*, apologética do desbravador e do destemido coronel e justificadora do alugado que se transforma em jagunço.

Visando ao entendimento do mundo recriado pela narrativa romanesca do sul da Bahia, as representações contidas nos romances foram tomadas como uma possibilidade de explicitação de artifícios, de indícios e de processos estruturais reveladores das alterações no tempo e no espaço. Transportando para a narrativa romanesca a afirmação de Tedesco acerca de seu objeto de estudo, as representações contidas nas obras literárias do sul da Bahia revelam “[...] formas de vivências determinadas pelo lugar social e pelos referenciais significativos e imaginários de um determinado grupo étnico-social em períodos históricos e espaços variados.” (TEDESCO, 2004, p.39).

Vislumbrando os objetivos propostos, o texto se assenta em uma discussão sobre a representação, no universo criado pela imaginação do autor, de uma estrutura social similar à do mundo real, tanto em sua dimensão objetiva quanto nos termos da subjetividade. Para isso, buscou-se nas obras literárias as representações dos componentes da estrutura de classes na sociedade imaginada que indicam a dimensão objetiva, assim como a representação do imaginário presente nesse universo recriado e que são indícios da dimensão subjetiva.

A sociologia inclui em seu âmbito de estudos todos os aspectos da vida social, significando isto sair do campo específico da integração e dialogar com os problemas da sociedade em sua totalidade. A totalidade da vida social, especialmente em suas contradições, constitui o eixo temático que se evidencia na literatura romanesca do sul da Bahia destinada à representação da sociedade que se forma a partir da saga do cacau. A centralidade narrativa denota perspectivas que objetivam uma explicação abrangente da sociedade, no sentido de recriar um universo social análogo ao mundo real, constituído de antagonismos e de consensos, de inclusões e de exclusões, de igualdades e de diferenças.

A partir de uma perspectiva sociológica, constatou-se que está evidenciado nos romances de Jorge Amado e Euclides Neto a representação de aspectos estruturais da sociedade. Com isso, é possível fundamentar a tese de que a narrativa literária do Sul da Bahia, ao reproduzir no seu universo ficcional uma realidade social análoga à das formações sociais capitalistas, apresenta-se como um objeto de pesquisa em si mesmo que reconstitui por meio de mecanismos próprios da criação artística o mundo social. A literatura romanesca amadiana e euclidiana são expressões artísticas disseminadoras da representação de componentes fundamentais da formação sócio-histórica Sul-baiana.

De modo geral, há uma tendência de identificar a narrativa literária do Sul da Bahia como uma literatura que tem seu universo ficcional conformado com a recriação da saga do cacau. No entanto, insiste-se aqui na necessidade de ampliação desse recorte, nos termos de uma complexidade social que se encontra representada na literatura do Sul da Bahia por sua especificidade, porém que se inscreve num contexto sócio-histórico mais amplo, qual seja, o da modernidade. E o que se compreende aqui como tal está diretamente relacionado à constatação de uma realidade paradoxal que implica na contraditória irracionalidade inerente ao processo de produção e de distribuição dos bens materiais no capitalismo, refletindo-se isso diretamente nas condições de existência dos grupos sociais constitutivos dessa sociedade.

Assume-se aqui a posição de que a literatura romanesca do Sul da Bahia se define pela centralidade narrativa da realidade social em sua dimensão regional. Porém, considerando a inserção da região no processo de consolidação do capitalismo no Brasil, que se realiza de modo peculiar e ao qual se atribui uma variedade de designações, a exemplo de “modernização conservadora”, “revolução passiva” etc, há de se reconhecer que o universo social do contexto narrativo transcende a dimensão local, de modo a que se explicita uma nítida articulação entre a realidade regional e a realidade global no mundo social representado pela literatura. Fato é que a narrativa romanesca, ao transportar para a ficção a sociedade do Sul da Bahia, também chamada “civilização do cacau”, ou “nação grapiúna”<sup>1</sup>, possibilita uma análise da realidade nos termos da interseção entre dois campos do conhecimento, o literário e o sociológico. Ainda mais, os romances de Jorge Amado e Euclides Neto, aqui tomados como fontes, assim o foi por apresentarem um registro de aspectos da realidade que possibilita um conhecimento do processo de consolidação da sociedade regional como uma formação econômico-social capitalista, que em suas peculiaridades reflete o processo mais amplo da sociedade brasileira nos termos do que se refere, especialmente, às formas de conciliação entre os diferentes segmentos da classe dominante e do autoritarismo traduzidos nos meios de exclusão das camadas populares da esfera de discussão dos assuntos inerentes à própria vida em sociedade.

No entanto, está fora de cogitação aqui a minimização da importância da cacauicultura para o desenvolvimento do Sul da Bahia e do lugar que ocupa na produção romanesca. A pretensão é mesmo no sentido de ampliar a dimensão da literatura regional nos termos de sua consideração como fonte de registro de aspectos da realidade social, guardando a devida especificidade quanto a sua natureza de produção ficcional, como já foi anteriormente observado, que enseja uma perspectiva que transcende os limites de tempo e espaço ao possibilitar a relação da teia narrativa com uma totalidade histórica universal. É inegável a influência da “saga do cacau” como circunstância que se reflete marcadamente na formação da sociedade regional por ter se constituído em seu suporte econômico durante um logo período histórico, mas reduzir a complexidade da teia narrativa a esse recorte maquia sua essência e empobrece seu conteúdo, limitando seu estatuto de objeto e fonte de pesquisa. Com essa linha de raciocínio, objetiva-se também questionar a condição de sujeito da história que é atribuída ao cacau, como se um fruto, essencialmente uma coisa inanimada, pudesse adquirir propriedades que transcendem a capacidade de ação dos homens, esses, sim, os verdadeiros sujeitos históricos.

---

<sup>1</sup> Termos apresentados por Adonias Filho em *Sul da Bahia: Chão de Cacau (uma civilização regional)* (1978, p.33) e Jorge Amado em *O Menino Grapiúna* (2002, p.7).

## **Dimensão objetiva da sociedade: “a pirâmide de grãos de cacau”**

Nos romances analisados, há uma representação recorrente de acontecimentos e de personagens que apresentam verossimilhança com a realidade e que podem ser comprovados por meio dos registros historiográficos e de mais uma variedade de outras fontes reconhecidas como documentos oficiais, jornais etc. Os fatos, as situações e os acontecimentos vividos pelos personagens que afloram do imaginário dos escritores compõem os conteúdos tomados como referência para o evento narrado e circunscrito a uma totalidade histórica, visível no texto literário, que apresenta a representação da sociedade grapiúna em suas contradições e conflitos constitutivos da realidade cotidiana.

A contradição fundamental que se evidencia no contexto societário do Sul da Bahia diz respeito à adoção de procedimentos adotados no universo das relações sociais de produção que indicam a administração capitalista das atividades relacionadas ao cultivo do cacau. No entanto, essa realidade contém em seu cerne uma contradição fundamental, qual seja a paradoxal combinação entre modernidade e barbárie revelada na realidade degradada pelos processos destrutivos que decorrem da irracionalidade do regime capitalista de produção.

Assim, o universo social criado pela ficção aponta na realidade cotidiana a separação dos grupos constitutivos da sociedade local, revelando uma estrutura de classes sociais fundada, de um lado, na propriedade de terras, representada pelos “fazendeiros, as esposas, os filhos, gente de dinheiro e de prosápia” (AMADO, 1986, p.39); no controle do capital financeiro, do comércio e dos serviços, incluindo aí as atividades liberais, “[...] médicos e comerciantes ricos sentavam-se isolados em cadeiras postas nas calçadas.” (AMADO, p.51). De outro lado, a estrutura de classes se objetiva a partir da simples propriedade da força de trabalho, no que se inclui “[...] alugados, trabalhadores nas roças, quase sem vintém; jagunços, com suas amásias, arrotando lambanças; raparigas, os melhores clientes, os que mais compravam.” (AMADO, 1986, p.39). Da perspectiva de uma representação dicotômica das classes, Jorge Amado aponta: “[...] fazendeiros e trabalhadores, contratistas e lavradores de pequenas roças, [...]” (AMADO, 1952 p.53). A síntese dos principais protagonistas das relações sociais no universo ficcional corresponde à real estrutura de classes da sociedade capitalista, que são os simples portadores da força de trabalho – o trabalhador livre e assalariado e o proprietário do capital, o capitalista, que também é o comprador da força de trabalho e detentor das “mercadorias”, em toda complexidade que esse conceito encerra nos termos do materialismo histórico. A seguir, serão analisados mais detalhadamente os indícios da estrutura social representados nas obras pesquisadas.

### **A atipicidade da composição do proletariado rural**

O imaginado ordenamento social vigente na formação societária regional, em sua similaridade com a estrutura fundamental do capitalismo, apresenta uma dinâmica interna própria como é comum a toda e qualquer sociedade. Isso revela implicações quanto às derivações das relações de classe nos termos da conservação, pela classe dominante, de traços do autoritarismo compatíveis com relações sociais identificadas com formações sociais diversas à capitalista e que vai resultar em modalidades anacrônicas de contrato de trabalho a se fazerem presentes na zona rural. Jorge Amado apresenta uma descrição detalhada da variedade de formas de contratos adotados nas roças de cacau do Sul da Bahia, como, por exemplo: “A empreitada, espécie de contrato

para colheita de uma roça, faz-se em geral com os trabalhadores, que casados, possuem mulher e filhos. Eles se obrigam a colher toda uma roça e podem alugar trabalhadores para ajudá-los.” (AMADO, p.64). Essa é uma modalidade de contrato temporário, que revela a rotatividade da força de trabalho e a ociosidade de grande contingente de trabalhadores durante parte do ano. Nesse fragmento do texto amadiano aparece também outra forma de contrato, o “alugado”, que é contratado pelo empreiteiro e representa a modalidade de trabalho terceirizado. Euclides Neto faz uma detalhada descrição do “alugado”, observando a diferença entre este e o “agregado”. “A presença do alugado era obrigatória nas fazendas de cacau, para servir à família nos trabalhos mais modestos. [...] Pertencia ele à categoria mais baixa dos que ficavam a dispor do patrão. Não tinha salário. [...]” (EUCLIDES NETO, 2001, p.149). Essa modalidade de relação é mencionada de forma recorrente em todas as obras analisadas, o que indica sua predominância no universo social. Ademais, a própria historiografia, entre outras fontes, se detém sobre a realidade dos “alugados” tendo em vista que essa categoria, e o que ela implica objetivamente, destoa dos princípios que regem as relações capitalistas de produção.

Aparece ainda, explicitada nas narrativas amadiana e euclidiana, outra feição das relações de produção no universo social que é designada “contrato”, como se vê na voz do narrador-protagonista que emerge do imaginário amadiano:

Modalidade interessante do trabalhador, o contratista. A fazenda contrata com um chefe de família a derrubada de uma mata e o plantio, no terreno, de uma roça. O contratista fica dono do terreno durante os dois ou três anos do contrato. Planta mandioca e legumes, com que vive. E no fim do contrato o patrão paga a quinhentos ou oitocentos réis o cacauero. (AMADO, 1976, p.71).

Essa modalidade de relação é regida por um conjunto de normas draconianas para o contratista, como é possível constatar na representação euclidiana que se faz anunciar de forma detalhada num texto que dispensa comentário, tal é capacidade demonstrada por Euclides Neto de transportar a realidade para as páginas do texto literário.

Ficar logo sabendo que só pode trabalhar no contrato; certo mesmo, nos dias de sábado, domingo e dia-santo. Estes dias são seus. A não ser que a fazenda não tenha serviço de aperto.  
Contratista não vende cacau fora, só à fazenda. Pode plantar o que quiser, mas na hora de entregar a roça recebe pé de cacau na cova, se tiver dois ou três só vale um; [...]  
– Traquinada de jaca, abacate, laranja, trem de comer a fazenda não paga.  
–Outra: cuidado com eles, muito cuidado, menino tem arte do cão.  
Bonifácio anuviou a cabeça, batia o queixo como lagartixa, mas não discordou de nada. (EUCLIDES NETO, 1979, p.35-36).

Bonifácio, em sua condição de indigência, desprovido de qualquer possibilidade de escolha, só consegue ver no “contrato” a esperança de se colocar num lugar do qual pudesse tirar seu sustento e o de sua família. O “contrato” significa o “serviço” que tanto desejava e nele deposita todas as suas esperanças, e dessas esperanças retira forças para de um tudo onde nada se tem. Essas derivações das relações de produção sintetizam o esdrúxulo “proletariado rural” que em quase nada altera suas condições de existência no decurso do processo de evolução da sociedade regional, que

crescentemente introduz no âmbito das forças produtivas e das instâncias superestruturais elementos modernos. Com isso, permanecem as desigualdades sociais que tendem a aumentar, posto que, com as inovações na produção, cresce as possibilidades da reprodução ampliada do capital apropriado por uma pequena parcela da população, enquanto os trabalhadores permanecem expropriados do produto de seu trabalho, no que tem comprometida a satisfação das necessidades básicas e indispensáveis à própria reposição das energias físicas essenciais para a realização das atividades produtivas.

João era agregado: magro, pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas. [...]. Quase não pensava. Ouvia o búzio que o chamava à roça. Ia tocado como um boi no arrasto. Gostaria de comer carne fresca, sangrenta. Uma rabada de novilha gorda. Mas somente no São João poderia comprar meio quilo de ossos frescos. Roera-os com sofreguidão. Quanto ao mais, a mesma coisa: farinha com um taco de carne assada. Malagueta ou cumarim. Um gole d'água e pronto. (EUCLIDES NETO, 1992, p.2-3).

Mais uma vez, a capacidade imaginativa euclidiana realiza com maestria a descrição do absurdo da realidade sintetizada na vida degradada do trabalhador rural, que tem em João a encarnação da escassez de tudo, parecendo estar destituído até da faculdade de pensar. Porém, vislumbram-se aspectos da realidade, descritos nos romances analisados, indicando que a classe trabalhadora não é uma massa amorfa, destituída de qualquer capacidade de reação e de reflexão. O texto narrativo, especialmente *Cacau*, de Jorge Amado, atribui aos trabalhadores um nível de consciência das condições de existência no peculiar processo de desenvolvimento capitalista. Entretanto, saltam às páginas dos romances analisados, de modo recorrente, o registro da flagrante degradação das condições de existência e da impossibilidade concreta de que o trabalhador se veja em sua real situação. O recrudescimento das formas arcaicas de exploração, mascaradas pelo contrato, revela uma realidade que afirma a impossibilidade estrutural de um movimento que aponte para a libertação do homem. A necessidade da sobrevivência é um imperativo que se impõe a qualquer outro nas circunstâncias tão degradadas, tanto nos termos das necessidades materiais como no nível das relações mesmas entre os homens. Na voz do narrador, João se sente só, não encontra a solidariedade dos companheiros de trabalho que estão sujeitos às mesmas condições, indicando a ênfase no individualismo. Se inexitem as mesmas condições para todos e se o que existe adquire-se pela competição, a tendência é que cada um busque o melhor para si, e isso enfatiza o individualismo tão próprio e tão adequado ao capitalismo moderno. O problema é que há de fato uma impossibilidade de se esboçar alguma forma de resistência, dado que, além do componente autoritário que permeia as relações entre patrão e empregado, há também um significativo contingente de trabalhadores ociosos pressionando por uma oportunidade de “empreitada”, “aluguel” ou “contratação”, constituindo o denominado “exército de reserva” da força de trabalho, originado, em grande parte no caso da região Sul da Bahia, pelas crescentes levas de imigrantes que chegam às terras grapiúnas atraídos pela propaganda de enriquecimento rápido.

A partir dos conteúdos da narrativa romanesca, extraem-se os aspectos reveladores da composição societária no âmbito rural, ainda nos termos da especificidade dada pelas modalidades atípicas de relações sociais que se fazem presentes no universo ficcional representativo em sua autenticidade da totalidade histórica real, como sintetiza esse fragmento: “[...] os trabalhadores das fazendas, base

de toda essa pirâmide de grãos de cacau, [...]?” (AMADO, 1944, p.57, grifo da autora desse texto). Na teia discursiva amadiana, os sujeitos emergem para revelar a diversidade das questões sociais que constituem o conteúdo mesmo da realidade fundamentalmente antagônica. Raimunda, por exemplo, sintetiza o anacronismo das relações sociais em suas consequências ampliadas e radicalmente diversa de uma relação nos moldes de uma formação social capitalista: serve aos patrões na condição de “alugada”, isenta de remuneração e desumanizada, vista como uma coisa destituída de sentimentos e desejos. A complexa teia de relações sociais moldadas pelo autoritarismo, pelo exacerbado sistema de exploração e degradação humana é representado no universo ficcional como um destino do qual não se pode escapar. “- Eu era menino no tempo da escravidão... Meu pai foi escravo, minha mãe também... Mas não era mais ruim que hoje... a coisa não mudou, foi tudo palavras...” (AMADO, 1952, p.103).

No mundo cujas relações estão assentadas no livre contrato, a narrativa ficcional enseja visualizar a permanência de formas de exploração que degradam o trabalhador e o aprisiona de modo a lhe parecer que não há opção, que inexiste qualquer possibilidade de reação. Essa representação parece indicar a ausência do futuro como possibilidade, e o presente aparece na consciência do trabalhador representado como algo já determinado pelo passado. Reproduzem-se e aprimoram-se as formas de aprisionamento dos homens em detrimento da criação das condições para sua emancipação, significando isso uma regressão histórica. Portanto, o presente é a atualização do passado, e o futuro seu tributário, em vez de representar a possibilidade de reconhecimento e reparação das injustiças sociais.

### **A classe intermediária da “pirâmide de grãos de cacau”**

Considerando que a condição de classe se define pela posição dos homens no processo de produção, o qual é determinado pela forma de propriedade, impõe-se na narrativa amadiana a distinção entre o pequeno proprietário de terras e o trabalhador rural, posto que o primeiro não é destituído de posses, sua condição de classe difere da do trabalhador rural, que tem em si a simples posse da capacidade de trabalho. Como diz o narrador em *Terras do Sem Fim*, “[...] Firmo não era um trabalhador, tinha rocinha, ia andando para a frente, se deixassem ia acabar um coronel com muitas terras” (AMADO, 1952, p.74-75).

Também Antônio Vítor, personagem que viaja das páginas das *Terras do Sem Fim* para as de *São Jorge dos Ilhéus*, escala demorada e dificultosamente as paredes da fictícia “pirâmide de grãos de cacau”, num solitário movimento que representa a ênfase moderna no individualismo. (AMADO, 1944, p.259). Uma vertiginosa escalada social é o exemplo da saga de Antônio Vítor, representação do sonho de ascensão social pelo mérito próprio: de retirante sertanejo a trabalhador das roças de cacau; de trabalhador a jagunço; de jagunço a pequeno proprietário e fazendeiro “quase coronel”. Antônio Vítor representa a confirmação exemplar de valores como democracia e meritocracia, que fazem parte da ideologia da classe dominante.

### **A visibilidade do progresso social: proletariado urbano**

Retornando às frações da classe trabalhadora definidas por suas especificidades, encontra-se representado também no universo social ficcional aqueles que se apresentam como potenciais ou efetivos ocupantes dos postos de trabalho na zona urbana. “Novamente vinham carregadores e novamente se curvavam suas costas sob o peso da carga. Corriam pela ponte pareciam seres estranhos, negros de espantosas

corcundas” (AMADO, 1944, p.18). Essa é uma referência aos trabalhadores que transportavam no “lombo” as sacas de cacau para o porto. Também aparece representado o comerciário, “[...], chegava o barulho que faziam, no “Café Ilhéus”, os empregados no comércio. (AMADO, 1944, p. 37-38). No âmbito da vida urbana, os trabalhadores estão representados na literatura como submetidos a relações de produção identificadas com os setores modernos da sociedade, nos termos dos operários de fábricas, funcionários públicos, professores, empregados domésticos remunerados, como se vê em *Gabriela, Cravo e Canela*.

Interessa demonstrar que o universo social ficcional, especialmente o de Jorge Amado, se modifica no decurso mesmo da sua produção literária. Se em *Terras do Sem Fim* a classe trabalhadora é eminentemente constituída de trabalhadores rurais, fazendo-se raras menções a um proletariado urbano, em *Cacau* isso se evidencia na própria narrativa da experiência profissional de Sergipano, que se identifica como um “operário” que virou “trabalhador”. Em *São Jorge dos Ilhéus*, recorrentes situações relacionadas com funcionários administrativos. “O empregado achou a imagem perfeita e, como tinha veleidades literárias, pensou em repeti-la, à noite, como sendo sua, na reunião da Associação dos Empregados do Comércio.” (AMADO, 1944, p.17). Trata-se do funcionário da casa exportadora. “Carlos recolheu os papéis, entregou alguns ao gerente, apertou-lhe a mão, atravessou novamente as salas, onde os empregados se levantavam suarentos, tomou o elevador.” (AMADO, 1944, p.21). Nesse fragmento, observa-se a diversidade de ocupações na própria classe trabalhadora e numa mesma empresa comercial, onde se vê o gerente, ocupando funções administrativas e os trabalhadores braçais “suarentos”, os quais o patrão nem se dignava olhar.

Também Amado registra o flagrante trabalho infantil: “Um meninote de uns 12 anos imprimia sobre cada um deles um carimbo em tinta vermelha [...]” (AMADO, 1944, p.18). Isso revela uma contradição com o próprio espírito moderno atribuído ao empregador Carlos Zude. Entre os trabalhadores urbanos se incluía também os intelectuais como jornalistas, professores e poetas que colaboravam com a imprensa regional. “[...] no ‘Diário de Ilhéus’ ou no ‘Jornal da Tarde’, os dois diários que circulavam na cidade. [...] existindo uma verdadeira luta entre os intelectuais das duas cidades.” (AMADO, 1944, p.38). A referência, em *São Jorge dos Ilhéus e Gabriela, Cravo e Canela* à Associação Comercial, que gerava postos de trabalho na secretária, cuja chefia era exercida pelo poeta Sérgio Moura, que residia no próprio prédio da Associação e disponha de muito tempo ocioso, canalizado para as leituras. Outros segmentos são mencionados, como sapateiro, profissão de Edson, um membro da “célula” do PCB que residia na “Ilha das Cobras”, um bairro popular de Ilhéus.

É encontrada a referência sobre a existência de duas “[...] fábricas de chocolate era pequena, e nela e nos alambiques de destilação do mel do cacau para fazer vinagre, consistiam as únicas indústrias de Ilhéus. O número real de operários não era grande, apenas os da fábrica de chocolate, os estivadores dos cais e os artesãos que remendavam sapatos ou cosiam sacos nas casas exportadoras. Mesmo nos alambiques eram empregados geralmente lavradores que entremeavam a tarefa de colhêr cacau com a de fabricar vinagre.” (AMADO, 1944, p.70).

Como contraponto à Associação Comercial dos exportadores, existia a “Sociedade de Artes e Ofícios”, onde os operários e os artesãos discutiam política. O progresso se revelava no comércio intenso, nos grandes armazéns e grandes lojas, uma multidão de caixeiros-viajantes espalhados pelos hotéis caríssimos, vários bancos, o grande prédio do ‘Banco do Brasil’ e inúmeros agiotas.

Paradoxal também é a representação do mercado de escravo que ficava em Ilhéus por detrás da estrada de ferro, onde se amontoavam os retirantes vindos do sertão,



fugitivos da seca, em busca de trabalho. Ali os coronéis iam para contratar trabalhadores e jagunços, as famílias procuravam empregadas domésticas. Em sua face moderna, o progresso é representado pela distribuição de membros da classe trabalhadora em funções administrativas, burocráticas e comerciais etc. tanto na iniciativa privada quanto na pública, ainda muito incipiente. E como permanência do atraso, via-se carregadores, trabalho infantil, pessoas contratadas em troca de casa e comida e mais uma gama de modalidades de contratação da força de trabalho díspares do moderno mundo capitalista que já se dizia instalado em Ilhéus.

### **A combinação do moderno com o tradicional: classe dominante**

A composição da classe dominante também se faz ver como um aspecto definidor da singularidade da totalidade social: “[...] a luta entre os fazendeiros de cacau e os exportadores se fazia cada vez mais clara” (AMADO, 1944, p.221). Na narrativa de Jorge Amado, aparecem representadas as duas frações da classe dominante – a urbana (moderna) e a agrária (tradicional e conservadora)- cuja convivência se mostra consensual por um período correspondente às três décadas iniciais do século XX. A partir de então, o coronelismo, atributo da classe dominante em sua fração conservadora identificada com os latifundiários, começa a perder o controle do poder local. A moderna burguesia, representada pelos exportadores, comerciantes de grande porte e os setores médios da sociedade representados por profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros, agrônomos etc.) reclamam um ritmo mais acelerado para o processo de modernização da região, que tem seu progresso travancado pelas práticas autoritárias dos até então mandatários do poder – os coronéis (AMADO, 1944, p.54).

O desenvolvimento das forças produtivas na região, o processo que revela a modernização urbana e rural, vai imprimir uma nova feição à sociedade nos termos da transferência da propriedade das fazendas de cacau do coronel para os exportadores, representantes do capital estrangeiro. “Desembarcou com dinheiro, montou escritório, compra e exporta cacau. Que vida ele tirou? Onde foi buscar o direito de mandar aqui? Nosso direito a gente conquistou.” (AMADO, 2005, p. 208). A fração conservadora da classe dominante empreende uma reação ao acelerado progresso que vai se refletir especialmente na estrutura política e na economia. “– E quando os exportadores forem fazendeiros também, não dependeremos de que os coronéis se resolvam ou não a podar as suas roças e de que os pequenos lavradores tenham ou não dinheiro para o fazer...” (AMADO, 1944, p.137). A burguesia financeira assume a hegemonia política e o controle econômico, passando a direcionar os rumos da sociedade regional.

A produção ficcional amadiana tece uma descrição detalhada do processo de formação da estrutura de classes na sociedade grapiúna, dando destaque especial à figura do coronel, que, em obras como *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, assume posição privilegiada na teia discursiva. Especialistas do campo da literatura chegam a afirmar que essas duas obras representam a voz do coronel.

Na perspectiva ficcional de Euclides Neto, a centralidade narrativa é dada aos personagens que emergem da classe dominada, e os coronéis são representados já em sua decadência ou sucedidos pelos herdeiros ausentes das propriedades rurais. Mas a classe dominante não deixa de figurar em *Comercinho do Poço Fundo*, por exemplo, nas figuras do Dr. Renato, advogado, político e fazendeiro, dono de numeroso “currel eleitoral” e do Dr. Juarez, proprietário da fazenda Bom Sossego, administrada por correspondência, pois reside na capital do Estado. Também em *Os Magros*, a classe dominante regional se faz ver nas figuras de Dr. Jorge e Dona Helena, os herdeiros do cacau que vive na capital do Estado e representam a opulência da burguesia de base

econômica latifundiária, mas de estilo de vida metropolitano. São os “fartos” padrões de João e Isabel, esses últimos os “faltos” de tudo, principalmente de comida, de dinheiro, de roupas, enfim, das condições mínimas de existência.

Dr. Jorge é um ocioso advogado que vive às expensas do que herdou, além das rendas de sua propriedade rural, a qual só visita de caju em caju. A narrativa euclidiana expressa uma ferrenha crítica à estéril existência burguesa, revelada numa vida vazia de sentido e calcada na aparência. Ambos os personagens tentam preencher sua estéril existência por *fetiches*. Dr. Jorge tem como objeto de suas preocupações uma coleção de pedras preciosas e deposita o sentido de sua vida na perseguição de ricas peças raras: “A aquisição do brilhante rosa sempre fora um sonho aparentemente irrealizável. [...]. Ninguém sabia a luta que dava para adquiri-las. Certa feita, até fizera economia para ser dono de um brilhante azul.” (EUCLIDES NETO, 1992, p.121). Dona Helena, prenhe de desejo da maternidade, preenche sua esterilidade adotando uma boneca, à qual dedica sua existência, dispensando-lhe cuidado de gente. “Dona Helena pôs a filha a dormir. A menina ficou com as pestanas imóveis, longas e muito pretas para o róseo do rostinho polpudo. [...] Era mesmo uma filha amada a Rose Marie. Comprou-a durante uma viagem ao Rio de Janeiro.” (EUCLIDES NETO, 1992, pp.19-20). À esterilidade e à inessencialidade burguesa, a criação ficcional euclidiana contrapõe a fertilidade e a produtividade dos trabalhadores, mesmo diante de uma existência precária, devido à escassez das condições para suprir as necessidades mais elementares.

Aqui se abrirá um parêntesis para discutir a expressão, tanto na narrativa euclidiana como na amadiana, de uma idealização do trabalhador do ponto de vista da dualidade entre bem e mal. No que diz respeito à narrativa de Jorge Amado, essa visão fica explicitada em *Cacau*, onde os ricos são representados como maus e os pobres como bons. E o trabalhador, mesmo em sua vida miserável e degradada, é representado de alguma forma como o baluarte da esperança. O narrador, também personagem, alcunhado Sergipano e seu companheiro de trabalho e amigo Colodino, que após surrar Osório, o herdeiro do coronel, foge para o Rio de Janeiro, são expressões do papel histórico do proletariado. (AMADO, 1976, p. 123).

Até o próprio jagunço Honório é uma representação da boa índole do trabalhador e das sutilezas da consciência – “Matá coroné é bom, mas trabaiaidô não mato. Não sou traídô...” (AMADO, 1976, p.118). Honório foi designado pelo patrão para tocaiar Colodino e vingar a surra levada pelo filho, mas o jagunço fingiu errar a mira, em nome de uma “consciência de classe” que o próprio desconhecia, mas agiu por “intuição”. Também Damião, um “trabalhador” especializado na profissão de jagunço em *Terras do Sem Fim*, errou a mira na tocaia armada para Firmo porque descobriu, depois de anos no “inocente” ofício da tocaia e incontáveis miras certas, o que significava “remorso”, compreendeu que era um criminoso, que sua profissão era matar. Joaquim, de *São Jorge dos Ilhéus*, é a encarnação, no universo ficcional amadiano, da missão histórica do proletariado que se faz ver em sua vida de sacrifício e dedicação à causa “[...] Joaquim pensa que em muitas cidades do mundo, naquela hora possivelmente, outros homens estarão andando, sob a chuva ou sob as estrelas de um céu lindo, para as suas células, para ajudar a mudar o destino do mundo.” (São Jorge dos Ilhéus, p.15). Joaquim é um operário, filho de pequenos proprietários rurais que vivia inconformado e insatisfeito com a vida, pensando até em suicídio, até que conhece a ideologia comunista e se torna um ferrenho militante. E Castor Abduim também é a representação de um ideal de trabalhador, o Tição de *Tocaia Grande*, pois “[...] o sonho de Castor era montar uma forja de ferreiro num dos novos povoados, trabalhar por conta própria, não servir a patrão por melhor que fosse.” (AMADO, 1986, p.59). Tição Abduim chega em tocaia Grande e introduz valores positivos como trabalho solidário,

mutirão, reunião para discussão dos interesses coletivos a exemplo da organização da festa de São João.

A perspectiva euclidiana também indica a profunda e insuperável fissura entre o trabalhador, representante do bem, da dignidade e honra, mesmo tendo que, para manter esses valores, mergulhar nas brechas da insanidade, como João, de *Os Magros*, que terminou seus dias cavando a terra incessantemente em busca de um tesouro imaginado que salvaria a ele e a sua família da mais profunda miséria. Já Bonifácio, de *Comercinho do Poço Fundo*, desiste de lutar contra a injustiça cometida por seu miserável patrão e desceu para as franjas da sociedade, ficando relegado ao lumpemproletariado<sup>2</sup>: “Bonifácio queitava sol. Arrastava-se naquela pindaíba, mais morto que vivo.” (EUCLIDES NETO, 1979, p.33). Os personagens euclidianos capitulam ante a barbárie do capitalismo numa atitude de ausência da realidade quando com ela se depara, quando se dá conta da impossibilidade. Em Amado, é sempre possível achar uma ponta, por menor que seja de esperança, numa idealização de que na luta entre o bem e o mal um dia o bem vencerá. E assim registra o escritor: “Cada vivente, por mais miserável e despossuído, por mais coitado e sozinho, tem direito a uma cota de alegria, não há sina que seja inteira de amargura. Não importa o custo, o preço a pagar.” (AMADO, 1986, p.213). Há uma ideia de que a determinação é uma arma poderosa contra a mais radical impossibilidade.

Retornando ao contraponto euclidiano, se o objeto de desejo da classe dominante é uma coisa fútil, que não cumpre preencher nenhum significado essencial para a vida, o objeto de desejo da classe dominada é a aquisição do instrumento de trabalho, absolutamente necessário, pois se impõe como condição essencial para a possibilidade de garantir a existência material. Nesse universo recriado, o contraponto entre o facão – instrumento de trabalho necessário a João e o brilhante rosa – objeto supérfluo desejado por Dr. Jorge, implica a disseminação de valores correspondentes ao contexto capitalista. Ambos os objetos constituem um ideal, um sonho a ser realizado, que a princípio parece inviável para João, pela impossibilidade concreta da falta de recurso e “irrealizável” para Dr. Jorge, o patrão, pela impossibilidade de, guardando-se a devida diferença nos termos do significado para a existência, realizar o negócio. Como pano de fundo, o autor indica questões relativas à lógica da circulação da mercadoria própria do capitalismo, que tem como um dos critérios para atribuir o valor de troca ao produto pela demanda no mercado, retirando deste o valor mesmo do trabalho a ele incorporado. Isso é ilustrado na incessante procura de João, pois cada vez que ele vai tentar adquirir o facão, foi acrescido a este um novo valor monetário. Portanto, se a estéril vida burguesa é reduzida ao mundo das coisas, dos objetos materiais, das mercadorias, o mundo dos trabalhadores é o mundo da produção, do sacrifício, mas também o mundo de promessa.

Euclides Neto e Jorge Amado apresentam em suas obras conteúdos que constitui referência para a análise do contexto sócio-histórico da formação da sociedade regional em sua articulação com um contexto mais amplo da formação capitalista. O texto narrativo representa não só a constituição do grupo dominante como também, e em especial, a representação dos componentes da fração da classe dominada designada de lumpemproletariado<sup>3</sup> e que em *Tocaia Grande* Jorge Amado designa de a face obscura da sociedade.

---

<sup>2</sup> Há uma certa divergência quanto a grafia dessa palavra, que é de origem alemã. Assim foi adotada aqui a grafia como consta no DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA, editado por Tom Bottomore em 1983.

<sup>3</sup> É um termo de origem alemã, utilizado por Marx. Originalmente se escreve *lumpenproletariat*, que designa “o lixo de todas as classes”, “uma massa desintegrada”, “indivíduos arruinados e aventureiros egressos da burguesia, vagabundos, soldados desmobilizados, malfeitores recém-saídos da cadeia”etc.

Em *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*, Marx designa de lumpemproletariado as camadas mais baixas do proletariado, aquele grupo social excluído pelo próprio processo de produção capitalista. Estes grupos excluídos do processo de produção sobrevivem da mendicância, do roubo, do estelionato, da prostituição, etc. Segundo Marx, eles estariam mais próximos das posições reacionárias do que da consciência de classe proletária.

Tanto as obras de Jorge Amado como as de Euclides Neto dialogam com esse grupo social. Em *Comercinho do Poço Fundo*, homens e bichos aparecem representando o lumpemproletariado, que no universo social recriado pela narrativa euclidiana apresenta uma tendência de crescimento progressivo. A própria denominação da cidade que compõe a narrativa – Poço Fundo – já parece designar um lugar que expressa a profundidade da queda, a ausência de alternativas, a impossibilidade de ação. A narrativa aponta para uma clara evidência de que o homem desiste de lutar contra as suas condições de existência social, ou melhor, é impelido a acreditar que tem de cumprir sua sina, como também sintetizam João e Isabel em *Os Magros*. No caso de Bonifácio, a sina é o Poço Fundo, pois se sente incapaz de retomar sua vida, não tem forças para ocupar seu lugar na sociedade oficial, pois está gasto e descrente, já que nem a justiça dos homens e nem a divina deu jeito em sua causa. João também desistiu de voltar ao seu lugar na roça com seu obsoleto e imprestável "língua de teiú".

Na obra amadiana, o lumpemproletariado ocupa, em grande medida, destaque na teia narrativa. Nos romances que fizeram parte dessa pesquisa, destaca-se um variado conjunto de tipos sociais específicos. Por esse instante cabe referenciar personagens como o Capitão João Magalhães, de *Terras do Sem Fim*, que faz o movimento inverso em sua trajetória social. De jogador trapaceiro e aventureiro escala a "pirâmide de grãos de cacau" para o lugar onde ficam as classes dominantes, acomodando-se no grupo dos latifundiários. No entanto, outros personagens expressam inquestionavelmente o grupo dos desvalidos de tudo: as prostitutas Margot (*Terras do Sem Fim*) e Lola (*São Jorge dos Ilhéus*); o gigolô, também jogador e trapaceiro Pepe Espinola (*São Jorge dos Ilhéus*), famoso por aplicar o golpe denominado "pulo dos nove"; e, toda a inaugural população de *Tocaia Grande*, constituída originariamente de prostitutas, jagunços, aventureiros, mascates etc. uma gente chegada do "último escalão do abandono" que "todas as sociedade desprezam, repelem e condenam." (AMADO, 2002, p.56). Estes também fazem um movimento inverso, pois chegam no "lugar" emergindo de contextos degradados; no entanto, evoluem no processo histórico de formação das bases da sociedade de *Tocaia grande*. As relações comunitárias conflitantes carregadas de ambição, mesquinhez e violência se acomodam no decurso do "processo civilizador", fazendo aflorar os laços sedimentados na solidariedade e na autonomia. Em sua capacidade inventiva, o autor transporta a realidade para a ficção, realizando uma síntese sociológica merecedora do estatuto de objeto e de fonte de pesquisa, resguardando-se aqui da crítica nos termos de uma perspectiva teórica, dado o caráter da narrativa que em nenhum momento se pretende mais que uma produção ficcional.

Jorge Amado e Euclides Neto transpõem para as páginas da ficção, a partir de uma linguagem própria, a realidade social do mundo rural dominado pelo latifúndio e pela monocultura do cacau e suas interseções com o mundo urbano, mesmo que em momentos diferentes da história regional, porém revelando que a substância das relações sociais é deslocada do vínculo entre as pessoas para o vínculo entre trabalhadores e pés de cacau, numa situação de desvantagem para o ser humano que vale menos que um fruto.

## Referências

- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. 2ªed. São Paulo: Livraria Martins, 1944.
- \_\_\_\_\_. **Terras do Sem Fim**. 6ªed. São Paulo: Livraria Martins, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Cacau: romance**. 31.ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Tocaia Grande: A face obscura**. 2ªed. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Gabriela cravo e canela: crônica de uma cidade do interior; romance**. 92ªed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. Rio de Janeiro:Record, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo:HUCITEC,1988.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**.vol. I. São Paulo: Brasiliense,1994
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. V. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FILHO, Adonias. **Sul da Bahia: chão de cacau (uma civilização regional)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul – Ilhéus, 1534 – 1940**. Ilhéus: Editus, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: duas Cidades, 2000.
- NETO, Euclides. **Comercinho do poço fundo (romance)**. Rio de Janeiro: Antares. 1979.
- \_\_\_\_\_. **Os magros**. 2ª ed. São Paulo: Guena & bussius, 1992.
- RAILLARD, Alice. **Coversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro:Record, 1990.
- SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.